



## **Caiçaras do Paraná: história e vida<sup>1</sup>**

Priscila Costa PAGANOTTO<sup>2</sup>

Luiz WITIUK<sup>3</sup>

Universidade Positivo, Curitiba, PR

### **RESUMO**

O projeto “CAIÇARAS DO PARANÁ: história e vida”, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, propôs-se a suprir uma carência no meio rádio de temas relacionados à cultura popular, através de um radiodocumentário. Como projeto piloto, foi apresentada a cultura caiçara, existente no litoral paraense, para despertar o interesse na história da formação e no modo de vida peculiar existente na Ilha de Superagui. Para compreender melhor a rotina e a tradição dos caiçaras do Paraná, o trabalho constou de uma vasta pesquisa de campo, com entrevistas junto aos moradores da ilha, especialistas e turistas da região. O trabalho resultou em reflexões sobre o espaço que a representação de culturas populares têm na mídia e de que forma a convivência da comunidade ilheu com a comunidade urbana pode afetar as tradições daquela.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; cultura; identidade regional; desenvolvimento; tradição.

### **INTRODUÇÃO**

Relatar a história da comunidade caiçara do Paraná, situada na Ilha de Superagui, através do rádio - o veículo de comunicação de massa mais abrangente em todo o país, foi o propósito deste trabalho. Com músicas do Fandango – o ritmo musical que marca a cultura da comunidade caiçara –, o documentário revela histórias sobre a vida dos moradores da ilha. Todos os depoimentos dão uma clara noção de como uma comunidade ilheu vive e quais são as suas principais características.

O caiçara se formou pela miscigenação de negros, índios e europeus. A ilha de Superagui carrega no seu histórico os traços da colonização. No Paraná, a região mais atingida pela presença dos europeus foi Paranaguá – cidade onde os moradores de Superagui buscam principalmente o comércio.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade documentário em áudio (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: priscilapaganotto@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Luiz Witiuk, email: luizwitiuk@uol.com.br.



A ilha possui uma grande área de vegetação da Mata Atlântica e uma variada espécie de animais – entre residentes da ilha e de passagem. Um desses grandes atrativos é o boto, parecido com o golfinho e que possui atitudes amistosas com o homem.

Os moradores vivem basicamente da pesca, que é feita de maneira artesanal. O presente trabalho permitiu também o levantamento de uma discussão sobre a propagação de culturas populares na mídia, em especial no rádio.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo dessa produção foi divulgar uma cultura popular repleta de curiosidades e tradições. Ela faz parte do processo histórico da colonização europeia no Brasil, que teve início nas margens litorâneas no Estado do Paraná. Além de ampliar o conhecimento dos ouvintes com relação à cultura popular que está à sua volta, pretende-se também resgatar o valor de documentários culturais no meio radiofônico.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A palavra *caa-içara* é de origem tupi-guarani. *Caa* significa galhos, paus, mato; e *içara* significa armadilha (TOFFOLI; MANSUR, 2010). Era o termo utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (ADAMS, 2000).

De acordo com informações do site do Museu Caiçara de Ubatuba, “a população tradicional caiçara é hoje um dos últimos traços visíveis do momento da criação do povo brasileiro” (TOFFOLI; MANSUR, 2010). Quando a região de Paranaguá sofreu os impactos da colonização, no século XVI, os caiçaras passaram a se manifestar por um modo de vida próprio, baseado no cultivo da mandioca, na pesca, no extrativismo vegetal e na caça. Por conta de uma decadência econômica, no final do século XIX, esses habitantes do litoral passaram a se isolar dos grandes centros urbanos, ocupando as ilhas próximas das cidades litorâneas e desenvolvendo um modo de vida peculiar (DIEGUES, 2004).



Superagui foi uma das ilhas formadas por essas comunidades. A ilha é composta por 237 casas, com população aproximada de 1200 pessoas (CULTIMAR, 2005)<sup>4</sup>. O principal líder da comunidade de Superagui foi o suíço Guilherme William Michaud (1829 – 1902), que foi um grande pintor autodidata, reproduzindo nas telas a natureza que estava à sua volta. De acordo com informações do site oficial da cidade de Guaraqueçaba, o suíço vivia principalmente da agricultura e da pesca, mas também “exerceu a função de professor, agente do correio, Juiz de Paz e secretário da Associação de imigrantes” (GUARAQUEÇABA, 2010).

O caiçara se caracteriza por um vasto conhecimento da natureza, adquirido com a experiência, especialmente dos mais velhos. Esses conhecimentos são consideradas pelos pesquisadores Érika Fernandes-Pinto e José Geraldo W. Marques como

aprofundados, ricos em detalhes e muitas vezes concordantes com observações científicas. O conjunto de informações teórico-práticas que os pescadores apresentam sobre comportamento, hábitos alimentares, reprodução e ecologia dos peixes oferece grande fonte de conhecimentos praticamente desconhecida pela ciência ocidental sobre como manejar, conservar e utilizar os recursos naturais de maneira mais sustentável. Esse conhecimento, baseado na experiência, em muitas regiões está tão ameaçado de extinção quanto os próprios recursos biológicos (PINTO; MARQUES, 2004, p.164).

Antes de se formarem as comunidades caiçaras nas ilhas do litoral paranaense, eles viviam nas encostas litorâneas de Paranaguá e Guaraqueçaba, com a pequena produção de mercadorias, oriunda do processo da colonização europeia no Brasil. Até os estrangeiros chegarem nestes locais, atraídos pelo ouro e pela riqueza da Mata Atlântica, viviam ali os índios brasileiros (GUARIDO, 2005).

Essa origem contribuiu para a crença dos caiçaras em lendas, mitos e superstições, principalmente em questões ligadas à religião. O projeto Cultimar destaca algumas dessas crenças e histórias, como o “Pai do Mato”; a “Merda da Lua”; o “Dia da Santa Rosa”, as “Atitudes da mulher grávida”, a “Pesca do primeiro peixe”, o “Cantar dos galos”, os “Cuidados com as crianças recém-nascidas” e o “Poder do beija-flor”.

É comum encontrar quem não acredite mais no poder dessas lendas e superstições. Além da diversidade de culturas religiosas que se formou na ilha – existe a Igreja Católica, a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Batista Betel –, as pesquisas do Projeto Cultimar destacam que o convívio intenso com o sistema urbano das encostas

---

<sup>4</sup> O Projeto Cultimar surgiu de uma parceria entre o Grupo Integrado de Aqüicultura e Estudos Ambientais (GIA) e a Petrobras. O Cultimar começou a ser implementado em 2005, tendo como base as comunidades de Guaratuba e Ilha das Peças, estado do Paraná



marítimas do litoral paranaense contribui para o fim da tradicional crença em mitos e lendas.

Hoje, com a globalização cultural, que chegou com elementos externos e com os meios de comunicação, a religião natural tem perdido força. A pressão econômica, cada vez mais presente, faz o caiçara passar por cima de regras antigas de convivência com a natureza. (...) E a proliferação de religiões com doutrinas rígidas, coloca nas pessoas a vergonha em afirmar suas crenças e induz a cultura ao abandono dos modos e suas práticas tradicionais, levando-os à descaracterização e à confusão (CULTIMAR, 2005, p.12).

Segundo os próprios moradores de Superagui, essas relações ainda são marcantes na vida das comunidades mais afastadas, em regiões que contornam a ilha, onde os moradores dessas pequenas vilas possuem um modo de vida mais distante dos centros urbanos.

Para o caiçara, a natureza é lei. O vento indica se é seguro ou não o pescador entrar no mar e até que distância ele pode fazer isso. A natureza informa também se uma tempestade está por chegar – este conhecimento se dá pela experiência de vida.

Diegues (2004) resume a ilha de Superagui como uma “faixa da Mata Atlântica bastante conservada, em grande parte, pelas atividades tradicionais que marcam seu modo de vida”. Os caiçaras vivem no interstício da Mata Atlântica e do mar, estuários, mangues, restingas e lagunas (DIEGUES, 2004). De acordo com informações do IBAMA (2004), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, em 1970 a Ilha de Superagui foi inscrita como Patrimônio Natural e Histórico pela Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná. Desde que a ilha foi descoberta como um ponto turístico (não se sabe exatamente quando isso aconteceu) e passou a ser bastante requisitado por veranistas, a natureza passou a sofrer com ações que degradam o meio ambiente. Nem mesmo essa relação expressiva do caiçara com o meio ambiente conseguiu impedir uma grande quantidade de lixo na região. Em 1991 a região foi abrangida pela Reserva da Biosfera Vale do Ribeira-Serra da Graciosa e, em 1998, foi intitulada pela UNESCO como “Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade”. O órgão tem o objetivo de “proteger e preservar amostras dos ecossistemas ali existentes, assegurando a preservação de seus recursos naturais, proporcionando oportunidade controlada para uso pelo público, educação e pesquisa científica” (IBAMA, 2004).

O caiçara se caracteriza por viver da pesca, da agricultura, do pequeno comércio e do artesanato. Faz parte da educação dele o aprendizado dos fatores existentes na natureza e isto é feito pelos mais velhos, considerados mais experientes e respeitados da mesma forma.

Quando perguntamos a um caiçara antigo “o que é natureza”, é normal ouvir como resposta que natureza é tudo o que Deus criou. Por isso, quando se fala do homem caiçara, não podemos separar homem e natureza, o homem é a natureza. A cultura é, por sua vez, a transformação da natureza, e o misticismo sua alma (CULTIMAR, 2005, p.07).



Um exemplo da preocupação dos moradores da ilha com a natureza são as moradias, construídas de forma simples e aproveitando materiais do meio ambiente, como a madeira. Também as estruturas das pousadas possuem essas características. Por este motivo, o turismo na Ilha é denominado “ecoturismo”<sup>5</sup> – segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista (TRILHAS, 2010).

O símbolo da comunidade caiçara e Superagui é a música. As práticas de trabalho dos caiçaras sempre se deram de forma coletiva, nos roçados, nas colheitas, nas puxadas de rede ou na construção de benfeitorias, onde o organizador oferecia como forma de pagamento aos ajudantes voluntários um fandango – denominação para uma espécie de baile com comida farta. De acordo com o Museu Vivo do Fandango<sup>6</sup> (2010)<sup>7</sup>, o ritmo também sempre foi a atração de festas, casamentos, carnavais, etc. Esse tipo de mutirão atualmente já não é muito comum, foi deixado de lado por conta do “avanço da especulação imobiliária e da transformação de grandes áreas da região em unidades de conservação” (MUSEU, 2010).

A cultura caiçara expressa um modo de vida tradicional e uma ligação íntima às questões da natureza, o que a enquadra em todas as conclusões já obtidas pela Antropologia sobre o que é a cultura popular.

Conceitualizar a cultura popular hoje é um processo complexo, pois esta afirmação varia de acordo com o ponto de vista de quem o faz (BOSI, 1986). A afirmação mais aceita pelo senso comum é a de que a cultura de um povo carrega consigo sua trajetória e sua origem. Por conta do poder que a mídia tem de influenciar as decisões de uma sociedade, os meios de comunicação sempre tiveram um papel fundamental na vida das pessoas e o tem até hoje. Esta afirmação foi demonstrada pela pesquisa feita por Mattia e Lazzarotto (1996), onde eles afirmam que durante anos os pauteiros<sup>8</sup> de assuntos culturais das emissoras comunicativas decidiram que falar do dialeto italiano, cantar suas canções, fazer seu artesanato, entre outras manifestações culturais, não mereciam destaque na sua programação, pois não eram de todo interessante ao público ouvinte. Somente depois que

---

<sup>5</sup> O ecoturismo foi criado oficialmente em 1985, mas em 1987 foi criada a Comissão Técnica Nacional constituída pelo IBAMA e pela Embratur, ordenando as atividades neste campo.

<sup>6</sup> O Museu Vivo do fandango é um projeto que não tem sede própria, mas está distribuído pelas cidades, com o intuito de evidenciar e fortalecer instituições, grupos e pessoas ligadas ao fandango. O projeto é realizado em parceria com diversas associações locais, coordenado pela Associação Cultural Caboré e patrocinado pela Petrobrás.

<sup>7</sup> No site de onde foram tiradas essas informações não consta a data de criação do projeto, bem como a data de postagem dos conteúdos que lá se encontram. Portanto, para referenciar tais afirmações desta pesquisa, foi levada em consideração o ano da produção do presente trabalho.

<sup>8</sup> O pauteiro é considerado aqui como aquele que toma as decisões do conteúdo divulgado no veículo de comunicação.



um grupo de intelectuais levou essa manifestação cultural aos palcos do teatro, aos microfones das rádios e às tiras de quadrinhos e jornais, a elite passou a aceitar a fala italiana como manifestação cultural legítima e de valor.

No momento em que começam a utilizar esses meios (teatro, rádio, televisão, jornal, livros...), as pessoas começam a despertar e ver que não há mais vergonha em expressar sua própria cultura. A cultura não é só a língua, as cantigas, mas lugares históricos, costumes, construções (NETO; TONUS *apud* MATTIA; LAZZAROTTO, 1996, p.163).

Ecléa Bosí (1986) acredita que para a expressão de uma cultura popular, também não importa a fonte que está sendo apresentada ao público, desde que o conteúdo que ela transmite aos ouvintes acrescente algo em seu conhecimento.

O rádio é, sem dúvida, o veículo de comunicação mais popular existente hoje (FERRARETTO, 1965). Por ser um veículo barato, o rádio é o meio de informação mais presente na vida da população – 94% das casas em 2008 possuíam pelo menos um aparelho de rádio (IBGE, 2008), mesmo tendo uma menor aceitação para assuntos mais longos que a televisão. No Paraná, assuntos referentes à cultura popular no rádio são pouco apresentados. Esta realidade se deve a muitos fatores que se desenvolveram ao longo de anos, desde a criação da radiodifusão brasileira, como por exemplo a veiculação de notícias rápidas e o uso dos comerciais. Com o surgimento de outras mídias, o rádio precisou se adaptar para não sumir. Desta forma, passou-se a transmitir notícias mais rápidas e atuais, e a programação repleta de espetáculos teatrais, músicas populares brasileiras, entre outros assuntos populares foi substituída pelas músicas e pelos informativos, conteúdos facilmente identificados nas emissoras atuais.

O fator que mais contribuiu para essa mudança no conteúdo da programação radiofônica foi o surgimento da televisão, em 1950. De acordo com Meditsch (2007), o rádio informativo acompanha a ideia de um alargamento e de uma transformação ocorrida no campo jornalístico.

O rádio informativo fala de coisas que, anteriormente, não eram notícia (a hora certa, por exemplo) e revoluciona a ideia da reportagem com as transmissões ao vivo. Aprofunda e contrapõe ideias e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como o cão de um cego. (...) É um serviço quase sempre gratuito que não toma o tempo nem monopoliza a atenção do público (MEDITSCH, 2007, p.31).

Para o estudioso da Comunicação, Nelson Traquina, notícia é “tudo o que é importante e/ou interessante” (TRAQUINA *in* WITIUK, 2008, p.31). Esta questão levantou outra polêmica, relatada por Sylvia Moretzsohn (2002): a do “direito de saber” do receptor da notícia. Para o ex-diretor do Detroit Free Press, Kurt Luedtke:



Essa história do direito do povo de saber não existe. Vocês [editores] a inventaram, tomando o cuidado para não especificar o que era que ele, povo, tinha direito de saber. O povo sabe aquilo que vocês escolheram para dizer a ele, nem mais nem menos. Se o povo tivesse o direito de saber, ele teria, então alguma coisa a dizer sobre o modo como vocês escolhem o que chamam de notícia (LUEDTKE *in* MORETZSOHN, 2002, p.61).

O Brasil possui uma grande variedade de cultura e miscigenação e o radiodocumentário pode contribuir para que a população conheça mais da história do seu próprio país, retratando essas culturas. Para a realização deste trabalho, sobre a comunidade caiçara do Paraná, foi realizada uma pesquisa via telefone com a diretoria de duas rádios – de maior audiência em Paranaguá – a rádio Difusora AM e a rádio Litoral Sul FM. O resultado dos questionamentos feitos revelou que não há programas voltados para este cunho social na programação das duas emissoras. Há, portanto, uma carência nos meios de comunicação de massa quanto à transmissão da cultura popular brasileira.

A sociedade se encontra na era da imagem (MORETZSOHN, 2002) e aproximar o ouvinte de um tema como a cultura popular é um desafio no rádio. Porém, entre tantos programas radiofônicos existentes, o radiodocumentário pode ser capaz de conseguir tal objetivo, como afirma Robert Mcleisch (2001):

O programa pode explorar em detalhes um único aspecto de um desses assuntos [questões contemporâneas], tentando examinar em termos gerais como a sociedade enfrenta as mudanças. [...] a principal vantagem do documentário é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas idéias e interesses (MCLEISCH, 2001, p.191 e 192).

Para conseguir atingir o público, o programa deve ser atraente principalmente no conteúdo. Com duração em média de trinta minutos, este tipo de programa “aborda um determinado assunto em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante” (FERRARETO, 1965, p. 57). Apesar de substituído por outros formatos radiofônicos, o radiodocumentário ainda pode contribuir de forma bastante rica para a disseminação da cultura pelo país.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A entrevista foi a base do trabalho de campo, a partir de análises de Cremilda Medina e Stela Caputo Guedes, que descrevem o que é a entrevista e como ela deve ser desenvolvida. Para conhecer sobre o modo de vida dessa comunidade, foi utilizada como base de estudo uma cartilha feita por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, através do Projeto Cultimar, onde são reveladas a rotina dos caiçaras de Superagui, suas lendas e crenças. Ao todo, foram entrevistadas doze pessoas e cada um contribuiu para a compreensão do que é a



cultura caiçara e como ela consegue se manter nos dias de hoje, apesar da influência cada vez mais crescente do processo de urbanização, com a intervenção dos turistas.

Para discutir sobre o espaço da cultura popular na mídia, foi realizada uma abordagem antropológica sobre o que é a cultura popular. Os principais autores utilizados como base para discutir esse assunto foram Roger Chartier e Antonio Augusto Arantes e Emílio Willems.

Já para discutir a forma como a cultura popular está relacionada com a mídia nos dias atuais, foram consultados, entre outros autores, Clerton Martins, Gisela Ortriwano, Olivar Maximino Mattia, Valentim Ângelo Lazzarotto e Eduardo Meditsch. Também é apresentado um levantamento sobre a importância do rádio como expressão popular.

O equipamento utilizado para a gravação das entrevistas é de propriedade da autora do projeto e não falhou em momento algum. Para a gravação do radiodocumentário, duas pessoas foram convidadas: Amanda Laynes e Rafael Sanson. A autora do presente trabalho fez a locução principal, narrando as deixas para os depoimentos dos entrevistados. Os locutores convidados narraram as explicações que complementam os depoimentos, para tornar o produto mais dinâmico e agradável.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O presente trabalho começou a ser elaborado no mês de junho de 2010. Primeiramente, foi realizada uma viagem (em quatro dias, sendo dois em dias da semana) para conhecer mais a rotina da comunidade. Com isso, foi possível conviver com os moradores de Superagui e fazer a primeira seleção de entrevistados para compor o quadro de fontes utilizadas para contar a história da comunidade caiçara do Paraná. O roteiro só foi preparado depois de mais três viagens feitas à Ilha de Superagui, totalizando dez dias de permanência na região. Para chegar à ilha, é preciso ir até a cidade de Paranaguá e pegar um barco. O trajeto dura, em média, duas horas. Porém, se o tempo estiver ruim e ventando muito, o percurso é maior, pois a rota deve ser desviada por dentro dos mangues e isso leva em torno de quatro horas, o que foi acontecido duas vezes durante a realização do trabalho. Ao todo, três barqueiros trabalham com esse trajeto na ilha<sup>9</sup>. Fora da chamada alta temporada, os moradores utilizam esse serviço, disponibilizado três dias por semana – às segundas, quartas e sextas-feiras – para ir à cidade comprar o que necessitam. Já na época dos

---

<sup>9</sup> A atividade dos barqueiros não consta no produto radiofônico devido ao objetivo do trabalho proposto. O trabalho com os turistas foi descartado para não aumentar de forma inconsequente o turismo na região, a fim de preservar o modo de vida tradicional e cultural da comunidade.





feriados, os barcos têm horários diferenciados e trabalham todos os dias com o transporte de turistas para a ilha.

As viagens foram feitas durante a semana e nos feriados, para conhecer melhor a diferença da rotina dos moradores com a presença dos turistas, o que é bem grande, tendo em vista que os pontos comerciais (restaurantes, armazéns, etc.) só abrem na alta temporada. Enquanto isso, os moradores vivem de forma tranquila e calma, sem agitações.

Os próprios moradores que tomaram conhecimento da proposta do trabalho, indicaram algumas pessoas que pudessem falar sobre a ideia do projeto. Não foi difícil conseguir as fontes, devido à receptividade dos moradores e ao interesse dos mesmos em contar suas histórias.

O produto contém 30 minutos de duração, divididos em três blocos com intervalos comerciais. No primeiro bloco, o ouvinte toma conhecimento sobre o fandango e a história da Ilha desde que a comunidade se formou. Já no segundo bloco, o ouvinte toma conhecimento da rica natureza presente na ilha e de que modo é realizada a pesca na região – principal fonte de sobrevivência dos moradores. Também são apresentadas algumas lendas e os mitos caiçaras, que são oriundos da cultura indígena, principalmente. Não foi possível encontrar entrevistados que revelassem a relação do caiçara com esses mitos e superstições. Todas as fontes foram questionadas sobre o fato, porém nenhuma disse acreditar nas histórias. O terceiro e último bloco apresenta o trabalho que é realizado na ilha para preservar a natureza, os animais e a própria cultura caiçara tradicional, que aos poucos está deixando de existir, segundo os moradores mais antigos. Nesta parte do programa, há depoimentos de pesquisadores – que também são turistas. O produto é finalizado com depoimentos que resumem o que é a cultura caiçara do Paraná.

As músicas que compõem o documentário são do ritmo do fandango e foram retiradas de um CD denominado “Quebrando as tamancas”, de autoria dos próprios moradores e com cantigas que eles mesmos fizeram. Dois dos cinco fandangueiros que cantam as músicas do CD fazem parte do quadro de entrevistados do documentário: o Zé Squinini e o Laurentino Souza<sup>10</sup>.

O CD foi comprado a um custo de R\$ 10,00 (dez reais) e contém 12 músicas, tocadas pelos moradores da comunidade. Segundo os moradores, a prioridade deles não é a venda das músicas, mas sim a disseminação da cultura do fandango para a sociedade. Por conta disso,

---

<sup>10</sup> Laurentino Souza é o dono do estabelecimento onde foi comprado o CD que contém as músicas de fundo do documentário: o Bar Akdov (citado no documentário). O bar também é utilizado para vender os CDs de fandango que os moradores conseguem fazer e para vender os artesanatos que a comunidade faz.



eles não vendem os CDs a um preço alto e também não se preocupam em ter um grande estoque do material para oferecer aos turistas.

O documentário “Caiçaras do Paraná: história e vida” é um material ideal para ser veiculado em emissoras educativas, por seu contexto cultural e sua forma, que mescla entrevistas com músicas. Além disso, é um rico material para consulta em locais como a Fundação Cultural de Curitiba e outras instituições que trabalham com a cultura popular brasileira e paranaense.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Conviver com a simplicidade da comunidade caiçara, em Superagui, despertou a reflexão e a crítica com relação à maneira agitada e preocupada em que a sociedade urbana vive.

As histórias contadas revelam experiências de vida sem muitos recursos, mas também sem reclamações. O objetivo inicial do presente trabalho era divulgar, por meio de um radiodocumentário, a cultura caiçara existente no Povoado Tibicanga e na Orla Marítima da Ilha de Superagui, ambas localizadas no sul do litoral paranaense. Este objetivo foi atingido com a realização de entrevistas com a comunidade, com turistas e com pesquisadores da região. Porém as entrevistas revelaram que outro aspecto tinha que ser abordado: a história de formação da comunidade da ilha de Superagui. Os moradores mostraram um interesse muito grande em contar essa história e durante as entrevistas, ficou evidente que é fundamental contar a chegada do imigrante William Michaud, a quem se referencia a formação da comunidade, para entender o que é a cultura caiçara.

O problema que levou à produção do documentário “Caiçaras do Paraná: história e vida” foi a seguinte pergunta: de que forma um radiodocumentário pode contribuir para divulgar a cultura caiçara existente no litoral paranaense? O produto final revela que as músicas do fandango, mescladas com os depoimentos dos moradores da ilha, foram essenciais para responder a pergunta. O documentário foi montado de uma maneira em que é possível aproximar o ouvinte da vida dos caiçaras.

Dos doze dias de estadia na ilha, a chuva dificultou o trabalho durante pelo menos sete deles. Construir o presente trabalho foi satisfatório e o que se espera é que o documentário desperte nos ouvintes a mesma troca de experiência de vida que a autora do projeto teve durante a realização do mesmo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



ADAMS, Cristina. **As populações caiçaras e o mito bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar**. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext)>

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes. 1986.

CULTIMAR. **Recursos Naturais na vida Caiçara**. 2005. Disponível em: <[http://www.cultimar.org.br/sistema/up\\_anexos/304a24508f29365b83b8ca235caeebb.pdf](http://www.cultimar.org.br/sistema/up_anexos/304a24508f29365b83b8ca235caeebb.pdf)> Acesso em: 21/11/2009.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. **Enciclopédia Caiçara**. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB: CEC/USP. 2004. V.1.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1965.

GUARIDO, Thiago. **O “redescobrimto” de Superagui**. Londrina, 2005. Monografia (Centro de Ciências Exatas Departamento de Ciências) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

IBAMA. **INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE**. 2004. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUc.php?seqUc=69>> Acesso em: 02.06.2010.

MATTIA, Olivar Maximino; LAZZAROTTO, Valentim Angelo. **Comunicação popular: perfil, história e alternativas das falas de um povo**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular. 2001. 2010. v.1.

\_\_\_\_\_. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular. 2007.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan. 2002.

MUSEU. **Museu Vivo do Fandango**. 2010. Disponível em: <<http://www.museuvivodofandango.com.br/main/home.htm>> Acesso em: 12.06.2010.

PINTO, Érika Fernandes; MARQUES, José Geraldo W. Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba, Paraná. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. **Enciclopédia Caiçara**. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB: CEC/USP. 2004. V.1.

TOFFOLI, Daniel; MANSUR, Gustavo. **Museu Caiçara**. 2010. Disponível em: <<http://www.muscai.com.br/caicaras/index.html>> Acesso em: 31.05.2010.

TRILHAS. **Trilhas e Aventuras**. 2010. Disponível em: <[http://www.trilhaseaventuras.com.br/atividades/materia.asp?id=108&id\\_atividade=2](http://www.trilhaseaventuras.com.br/atividades/materia.asp?id=108&id_atividade=2)> Acesso em: 31.05.2010.

WITIUK, Luiz. **O som das ruas: um estudo sobre o radiojornalismo curitibano**. Curitiba: Instituto Cultural dos Jornalistas do Paraná: Pós-Escrito. 2008.